



PREFEITURA DE SANTOS
Secretaria de Educação



ANO: 9^oA

COMPONENTE CURRICULAR: Língua Portuguesa

PROFESSORA: Norma Pimentel González

Nome do Aluno- _____

ORIENTAÇÕES

Queridos alunos do sistema remoto,

Continuaremos utilizando as atividades do livro didático de vocês. Disponibilizei aqui as atividades que estamos trabalhando em sala de aula com os alunos do sistema presencial. É importante que vocês continuem em nosso grupo de WhatsApp. Lá as atividades estão sendo postadas em tempo real. Assim, vocês não ficarão em defasagem em relação aos demais alunos.

Não há necessidade de copiar os textos nem as atividades. Leiam, entendam e, no caderno de Língua Portuguesa, anotem a página, o número do exercício, a letra (se tiver) e respondam com consciência e clareza.

Se houver alguma dúvida, basta entrar em contato!
Um forte abraço a todos!!!

Prof^a Norma

ROMANCE: uma história bem comprida

Quando ouvimos falar em "romance", logo pensamos em uma história de amor. Todavia, essa ideia é bastante imprecisa, porque considera apenas o assunto do texto e não a forma como ele é apresentado. Neste capítulo, você vai estudar o gênero textual *romance* e conhecer suas características.

Inicie com a leitura de três capítulos do romance *A máquina*, de Adriana Falcão.

Leitura 1

De quem é o texto?



Foto de 2016.

A escritora fluminense **Adriana Falcão** (1960-) é formada em Arquitetura, mas nunca exerceu a profissão. Escreve roteiros para séries e filmes, crônicas e romances, alguns deles destinados ao público infantojuvenil. Já morou no Recife (PE) e, frequentemente, fala do Nordeste em suas produções.

Nordestina era uma cidadezinha desse tamanho assim da qual se dizia: eita lugarzinho sem futuro. Antônio ouviu dizer isso desde pequeno e deu por certo o fato.

Pra chegar a Nordestina tinha que se andar muito.

É claro que ninguém fazia isso. O que é que a pessoa ia fazer num lugar que não tinha nada para fazer? No entanto, quem fazia o caminho inverso contava pros outros o quanto tinha andado, e então se deduzia que se o caminho de saída era um, o caminho de chegada só podia ser o mesmo.

Antônio trabalhava na prefeitura da cidade, sendo pra folha de pagamento o funcionário de número 19.

Pro prefeito ele era o moço do café.

Pro povo em geral era Antônio da dona Nazaré. Pra dona Nazaré era seu filho mais velho. Toda noite dona Nazaré pedia a Deus por um filho seu, de modo que a cada um cabiam dois pedidos por mês mais um terço de pedido. Na falta de pedido retalhado, deixava juntar três meses e então fazia mais um, inteiro, pra cada filho. Nos meses de três pedidos – abril, agosto e dezembro – ela aproveitava pra pedir saúde, dinheiro e felicidade. Nos outros nove meses do ano os meninos tinham que se contentar com saúde e dinheiro somente, o que nunca coincidia com a realidade, pois se dona Nazaré fosse mesmo boa de pedido, há muito tempo Deus lhe teria enviado uma geladeira nova. Mesmo assim ela pedia, por costume, por insistência, porque, se deixasse de pedir, Deus podia esquecer que eles existiam, motivo é que não lhe faltava.

Se palavra gastasse, duvido que tivesse sobrado algum adeus em Nordestina, haja vista a frequência com que se usava naquele tempo essa palavra.

Era tanta gente indo embora que o povo até se acostumou com os vazios que ficavam e iam tomando conta da cidade, apagando cheiros, transformando em memória frases, olhares, gestos, e a cara daqueles que não tinham retrato.

Nos dias de faxina, e portanto principalmente nas quintas, sempre apareciam objetos esquecidos por um ou outro dos que já tinham se ido, que só serviam pra devolver rancores a abandonos superados. A estes objetos se davam diferentes fins, sendo o mais comum o fundo de uma gaveta, e o mais doído, a navalhada.

Os motivos da debandagem generalizada às vezes viravam bilhetes e alguns eram furiosamente rasgados. O motivo escrito quase sempre era um arremedo do verdadeiro e tinha por maior utilidade consolar o destinatário do que dar a se entender o remetente, pois como é que se explica, diga mesmo, que o motivo de ir embora era só o nada?

Algumas partidas eram anunciadas com antecedência devido à quantidade de providências a serem tomadas. As notícias se espalhavam de várias formas.

Vende-se mesa de fórmica c/4 cadeiras, sofá 2 lug., cama casal, berço, fogão e geladeira. Ótimo estado. Tratar c/ Lurdinha no cartório.

Vendo urgente casa perto da bica. Quarto, sla., quintal, banheiro dentro. Pechincha. Rua da Travessa, 38.

Vendo fiteiro ótimo ponto lucro excelente.

Fundos da Prefeitura. Falar com Marconi no local.

Por motivo de viagem vendo gado bom danado. Dois bois, três vacas, um garrote.

Nos primeiros meses, os que tinham se ido costumavam ligar aos domingos, quase sempre a cobrar, pra casa de uma vizinha. Depois as notícias iam se espaçando e se dizia deles que tinham sumido no oco do mundo, que já devia estar cheio, inclusive.

Quem olhava pro horizonte em Nordestina, querendo ou não, imaginava uma linha perpendicular a ele, a linha traçada pelo destino dos que se importavam com o destino, de modo que o povo de Nordestina todinho tinha o horizonte por uma cruz, e não por uma linha, e era por esse motivo que o verbo cruzar cabia em todo tipo de entendimento.



Entre Nordestina e a cidade que ficava antes dela, tinha uma placa com os dizeres "Bem-vindo a Nordestina". Há quem diga que até o tempo de Antônio quase ninguém tomou conhecimento da existência dessa placa.

O povo que morava da placa pra dentro imaginava uma risca no chão que separava Nordestina do resto do mundo. O povo que morava da placa pra fora não imaginava nada, jamais pensou no assunto, e não tinha a menor ideia de que pra lá dali ainda tinha mais um pouco.

Vivia em Nordestina, mesmo ali na rua de baixo, uma moça que apertava os olhos pela metade quando olhava, por quem Antônio era completamente apaixonado. Ninguém sabe dizer até hoje se o que endoidecia ele era o olhar pelo meio de Karina ou o resto todo. Entenda-se por todo inclusive o perfume que ela ia deixando por onde passava.

Antônio, que pra cada pessoa era um, pra Karina era somente o rapaz que sempre dava um pulo na casa dela quando largava do trabalho.

Depois ficou diferente, mas só depois.

Só depois que as coisas todas mudaram.

ADRIANA FALCÃO. *A máquina*. São Paulo: Salamandra, 2015. p. 12-17.

Desvendando o texto

- 1 Grande parte da população da cidade de Nordestina migra para outras regiões. O que motiva a saída dos moradores?
- 2 Releia o seguinte trecho.

"Os motivos da debandagem generalizada às vezes viravam bilhetes e alguns eram furiosamente rasgados. O motivo escrito quase sempre era um arremedo do verdadeiro e tinha por maior utilidade consolar o destinatário [...]."

- a) Que palavra do trecho exprime a ideia de saída?
- b) Essa palavra é um termo que não costuma aparecer nos dicionários. Qual é a forma equivalente registrada neles? Qual é o sentido da palavra?
- c) Por que essa palavra é mais expressiva que *saída*?
- d) *Arremedo* é uma cópia malfeita, uma imitação de baixo valor. Por que razão quem parte opta por informar um "arremedo do [motivo] verdadeiro"?
- e) Que elemento do dia a dia contribui para a sensação de que Nordestina é uma cidade em constante abandono?
- f) Que expressão usada pelos moradores sugere que o espaço fora de Nordestina, para onde vão os que partem, é um enigma?

Se esse romance fosse meu...

No terceiro parágrafo do segundo capítulo, o narrador conta a reação dos moradores de Nordestina quando encontravam um objeto deixado por alguém que partiu. Crie uma continuação para o parágrafo, iniciando-a com "Contam, inclusive, que...".

3 Releia o seguinte fragmento.

“Quem olhava pro horizonte em Nordestina, querendo ou não, imaginava uma linha perpendicular a ele, a linha traçada pelo destino dos que se importavam com o destino, de modo que o povo de Nordestina todinho tinha o horizonte por uma cruz, e não por uma linha, e era por esse motivo que o verbo cruzar cabia em todo tipo de entendimento.”

Fala aí!

Além de dificuldades relacionadas à sobrevivência, que outro motivo poderia levar alguém a deixar sua cidade natal?



GALVÃO BERTAZZI

- Em sua opinião, por que a autora escolheu nomear a cidade como *Nordestina*?
- O narrador se mostra compreensivo ou enraivecido em relação a quem parte de Nordestina? Justifique sua resposta com um trecho do fragmento transcrito.
- Embora *A máquina* seja uma ficção, o romance aborda um tema da realidade. De que se trata?
- Você acha que esse tema está relacionado apenas a um contexto regional ou pode ser considerado universal? Explique sua resposta.

Dica de professor

Use aspas sempre que for transcrever o trecho de uma obra.

4 Os capítulos introduziram alguns personagens. Releia o trecho a seguir.

“[...] Ninguém sabe dizer até hoje se o que endoidecia ele era o olhar pelo meio de Karina ou o resto todo. Entenda-se por todo inclusive o perfume que ela ia deixando por onde passava.

Antônio, que pra cada pessoa era um, pra Karina era somente o rapaz que sempre dava um pulo na casa dela quando largava do trabalho.”

- De acordo com esse trecho, para cada pessoa Antônio era um. Colhendo todas as informações disponíveis nos três capítulos, o que o leitor pode saber sobre Antônio?
- O que a oração “que pra cada pessoa era um” revela sobre Antônio?
- Explique por que a descrição de Karina mostra uma diferença significativa em relação aos demais moradores de Nordestina.
- Releia: “era o olhar pelo meio de Karina ou o resto todo”. O narrador usou a língua de maneira criativa. Que dupla de palavras opostas produz um efeito expressivo?

Como funciona um romance?

Agora que você já conhece Antônio, Karina e a cidade de Nordestina, reflita um pouco mais sobre o que foi narrado e sobre a forma como isso foi feito.

- 1 Procure se lembrar das características do gênero textual *conto*. Por que a descrição inicial de Nordestina seria menos adequada a um conto?
- 2 Além de descrever Nordestina, que outra função têm os capítulos transcritos?
- 3 Releia o trecho inicial.

“Nordestina era uma cidadezinha desse tamanhinho assim da qual se dizia: eita lugarzinho sem futuro. Antônio ouviu dizer isso desde pequeno e deu por certo o fato.”

- a) Que palavras ou expressões empregadas pelo narrador são comuns nas comunicações orais informais?
 - b) Qual é o efeito do uso dessa linguagem?
 - c) Transcreva, dos capítulos que você leu, mais um trecho em que se procurou obter o mesmo efeito.
- 4 Releia o seguinte fragmento.

“Depois ficou diferente, mas só depois.
Só depois que as coisas todas mudaram.”

- a) Qual é a função desse comentário em relação à continuidade da narrativa? Explique sua resposta.
- b) Transcreva outro trecho que tenha sido usado com a mesma função.
- c) Até esse fragmento, que corresponde ao final do terceiro capítulo, já se esclareceu o título do romance?
- d) Quais são as suas expectativas, como leitor, em relação à história que será contada? O que gerou tais expectativas?

Da observação para a teoria

O gênero textual **romance** apresenta acontecimentos fictícios, organizados em uma sequência temporal quase sempre longa, que não é, necessariamente, narrada em ordem cronológica.

Por serem extensos, os romances permitem o aprofundamento da trama e dos personagens e apresentam descrições mais detalhadas. Em geral, são divididos em capítulos.

Como as demais narrativas, caracteriza-se por apresentar enredo, narrador, personagens, espaço e tempo. Nele, costumam ser empregadas as variedades urbanas de prestígio, mas é comum que os personagens utilizem outras variedades, coerentes com seus traços pessoais e com o contexto. As características do narrador também definem o estilo mais formal ou menos formal.

Biblioteca cultural

As mirabolantes aventuras narradas no romance *A máquina* já viraram peça de teatro e filme, ambos dirigidos por João Falcão. Assista ao trailer em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-111224/>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

A seguir, você vai ler parte do primeiro capítulo do romance *O menino do pijama listrado*. A obra foi lançada em 2006, mas a narrativa se passa nos anos 1940, durante a Segunda Guerra Mundial.

Leitura 2

1

Bruno faz uma descoberta

Certa tarde, quando Bruno chegou em casa vindo da escola, surpreendeu-se ao ver Maria, a governanta da família – que sempre mantinha a cabeça abaixada e jamais levantava os olhos do tapete –, de pé no seu quarto, tirando todos os seus pertences do guarda-roupa e arrumando-os dentro de quatro caixotes de madeira, até mesmo aquelas coisas que ele escondera no fundo e que pertenciam somente a ele e não eram da conta de mais ninguém.

“O que você está fazendo?”, ele perguntou tão educadamente quanto pôde, pois, embora não estivesse contente por chegar em casa e descobrir alguém remexendo nas suas coisas, sua mãe sempre lhe dissera para tratar Maria com respeito e não simplesmente imitar a maneira com que seu pai a tratava. “Tire as mãos das minhas coisas.”

Maria sacudiu a cabeça e apontou para a escada atrás dele, onde a mãe de Bruno acabara de aparecer. Era uma mulher alta, de longos cabelos ruivos, presos numa espécie de rede atrás da cabeça; ela estava retorcendo as mãos em sinal de nervosismo, como se houvesse algo que ela não quisesse falar ou alguma coisa em que não quisesse acreditar.

“Mãe”, disse Bruno, marchando em direção a ela, “o que está acontecendo? Por que a Maria está mexendo nas minhas coisas?”

“Ela está fazendo suas malas”, a mãe explicou.

De quem é o texto?



ROBERTO RICCIUTI/
GETTY IMAGES

Foto de 2016.

O escritor irlandês **John Boyne** (1971-) começou a escrever romances aos 19 anos. O primeiro foi publicado em 2000. A maioria deles é ambientada em épocas passadas e tem crianças e jovens como protagonistas.



GALVÃO BERTAZZI

“Fazendo minhas malas?”, ele perguntou, repassando rapidamente os eventos dos últimos dias para avaliar se fora um mau menino ou se dissera em voz alta as palavras que ele sabia não poder dizer e, por isso, estava sendo mandado embora. Mas não conseguiu pensar em nada que justificasse tal pensamento. Na verdade, durante os últimos dias ele se comportara de maneira perfeitamente decente com todos e não conseguia se lembrar de ter criado nenhuma confusão. “Por quê?”, ele perguntou então. “O que eu fiz?”

A mãe já havia entrado em seu próprio quarto a essa altura, mas Lars, o mordomo, estava lá, fazendo as malas dela também. Ela suspirou e jogou as mãos para o ar em sinal de frustração antes de marchar de volta à escada, seguida por Bruno, que não ia deixar o assunto morrer sem uma explicação satisfatória.

“Mãe”, ele insistiu. “O que está havendo? Estamos de mudança?”

“Venha comigo até o andar de baixo”, disse ela, levando-o até a ampla sala de jantar onde o Fúria estivera para comer com eles na semana anterior. “Conversaremos lá embaixo.”

Bruno desceu as escadas correndo e até a ultrapassou na descida, de maneira que já estava esperando pela mãe na sala de jantar quando ela chegou. Ele observou-a sem dizer nada por um momento e pensou consigo que ela não devia ter aplicado corretamente a maquiagem naquela manhã, pois as órbitas dos olhos estavam mais avermelhadas do que de costume, como os seus próprios olhos ficavam quando ele criava confusão e se metia em encrenca e acabava chorando.

“Veja, Bruno, não há motivo para se preocupar”, disse a mãe, sentando-se na cadeira na qual se sentara a bela mulher loira que viera jantar acompanhando o Fúria e que acenara para ele quando o pai fechou a porta. “Na verdade, acho que será uma grande aventura.”



“Que aventura?”, ele perguntou. “Estão me mandando embora?”

“Não, não é apenas você”, ela disse, parecendo que ia abrir um sorriso momentâneo, mas mudando de ideia. “Todos nós vamos embora. Seu pai e eu, Gretel e você. Todos os quatro.”

Bruno pensou a respeito e franziu o cenho. Não o incomodava em especial se Gretel fosse mandada embora, porque ela era um Caso Perdido e só o metia em encrencas. Mas parecia um pouco injusto que todos tivessem que acompanhá-la.

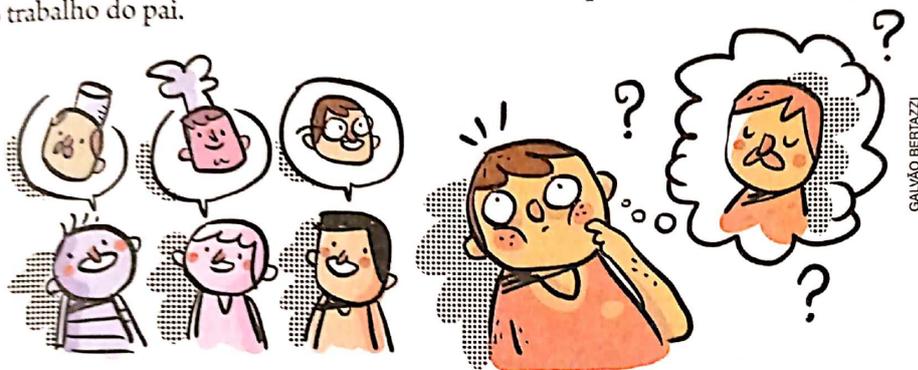
“Mas para onde?”, ele perguntou. “Aonde vamos exatamente? Por que não podemos ficar aqui?”

“É o trabalho do seu pai”, explicou a mãe. “Sabe como isto é importante, não sabe?”

“Sim, é claro”, disse Bruno, acenando com a cabeça, pois sempre havia na casa muitos visitantes – homens em uniformes fantásticos, mulheres com máquinas de escrever das quais ele deveria manter longe as mãos sujas –, e eram todos sempre muito educados com o pai e diziam que ele era um homem para ser observado e que o Fúria tinha grandes planos para ele.

“Bem, às vezes, quando uma pessoa é muito importante”, prosseguiu a mãe, “o homem que o emprega lhe pede que vá a outro lugar, porque lá há um trabalho muito especial que precisa ser feito.”

“Que tipo de trabalho?”, perguntou Bruno, porque, se fosse honesto consigo mesmo – e ele sempre tentava ser –, teria de admitir que não sabia ao certo qual era o trabalho do pai.



Na escola todos conversaram um dia sobre seus pais, e Karl dissera que seu pai era quitandeiro, o que Bruno sabia ser verdade, porque o homem cuidava da quitanda no centro da cidade. E Daniel dissera que seu pai era professor, o que Bruno sabia ser verdade, porque o homem ensinava aos meninos maiores, dos quais era sempre melhor manter distância. E Martin dissera que seu pai era *chef* de cozinha, o que Bruno sabia ser verdade, porque, nas vezes em que o homem vinha buscar Martin na escola, sempre vestia bata branca e avental xadrez, como se tivesse acabado de deixar a cozinha.

Mas, quando perguntaram a Bruno o que seu pai fazia, ele abriu a boca para dizer-lhes e então percebeu que ele próprio não sabia. Só era capaz de dizer que seu pai era um homem para ser observado e que o Fúria tinha grandes planos para ele. Ah, e que ele também tinha um uniforme fantástico.

“É um trabalho muito importante”, disse a mãe, hesitando por um momento. “Um trabalho que precisa ser feito por um homem muito especial. Você consegue entender isso, não é?”

“E todos nós temos que ir também?”, indagou Bruno.

“Claro que sim”, disse a mãe. “Você não gostaria que seu pai fosse até o novo trabalho e se sentisse solitário lá, gostaria?”

“Acho que não”, disse Bruno.

[...]

“Mas e quanto à nossa casa?”, perguntou Bruno. “Quem vai cuidar dela enquanto estivermos longe?”

A mãe suspirou e olhou o quarto ao redor, como se nunca mais fosse vê-lo novamente.

Era uma casa muito bonita e tinha ao todo cinco andares, se incluirmos o porão, onde o cozinheiro preparava toda a comida e Maria e Lars sentavam-se à mesa discutindo um com o outro e chamando-se de nomes que não se deviam empregar. E se considerássemos o pequeno quarto no topo da casa, que tinha as janelas oblíquas através das quais Bruno conseguia ver até o outro lado de Berlim, se ficasse na ponta dos pés e segurasse firme no parapeito.

“Teremos que fechar a casa por enquanto”, disse a mãe. “Mas voltaremos algum dia.”

“Mas e quanto ao cozinheiro?”, perguntou Bruno. “E Lars? E Maria? Eles não vão ficar morando aqui na casa?”

“Eles vêm conosco”, explicou a mãe. “Mas agora basta de perguntas. Talvez seja melhor você subir e ajudar Maria a fazer as malas.”

[...]

Ele foi vagorosamente até as escadas, segurando o corrimão com uma das mãos, e se perguntou se a casa nova, onde seria o novo trabalho, tinha um corrimão tão bom de escorregar quanto aquela. Pois o corrimão daquela casa vinha desde o andar mais alto – começava do lado de fora do pequeno quarto onde, se ele ficasse na ponta dos pés e segurasse firme no parapeito da janela, era possível ver até o outro lado de Berlim – até o piso térreo, bem diante das duas enormes portas de carvalho. E o que Bruno mais gostava de fazer era subir a bordo do corrimão no andar de cima e escorregar pela casa toda, fazendo barulho de vento ao longo do caminho.

[...]

O corrimão era a melhor coisa da casa – além do fato de vovô e vovó morarem tão perto –, e quando pensou nisso ele se perguntou se eles também viriam até o emprego novo e acreditou que sim, pois seria impossível deixá-los para trás. Ninguém precisava muito de Gretel, porque ela era um Caso Perdido – seria bem mais fácil se ela ficasse para tomar conta da casa –, mas vovô e vovó? Aí já era outra história.



GALVÃO BERTAZZI

Bruno subiu devagar as escadas até seu quarto; porém, antes de entrar, olhou para trás e para baixo na direção do piso térreo e viu a mãe entrando no escritório do pai, que dava de frente para a sala de jantar – e onde era Proibido Entrar em Todos os Momentos Sem Exceção –, e escutou-a falando alto com ele, até que o pai falou mais alto do que a mãe era capaz, e isso terminou com a conversa entre eles. Então a porta do escritório se fechou, e, como Bruno não conseguiu mais ouvir nada, pensou que seria boa ideia voltar ao seu quarto e assumir a tarefa de fazer as malas, porque senão Maria era capaz de retirar todos os seus pertences do guarda-roupa sem o devido cuidado e consideração, até mesmo as coisas que ele escondia no fundo e que pertenciam somente a ele e não eram da conta de mais ninguém.

JOHN BOYNE. *O menino do pijama listrado*. Trad. Augusto Pacheco Calil. São Paulo: Seguinte, 2007. p. 9-17.

Refletindo sobre o texto

- 1 Explique as diferentes estratégias empregadas por Adriana Falcão e John Boyne para marcar a divisão dos capítulos.
- 2 Os capítulos iniciais de um romance costumam contextualizar a narrativa.
 - a) Em que cidade Bruno e a família dele moram?
 - b) Como se revela a condição econômica privilegiada da família?
 - c) O que explica a necessidade de mudança da família de Bruno?
- 3 Os dois primeiros parágrafos já colocam o protagonista Bruno diante de um problema.
 - a) O que está acontecendo? Que palavra sugere que o acontecimento é algo estranho na rotina do personagem?
 - b) Compare esses parágrafos aos capítulos de *A máquina*. O ritmo da narrativa é o mesmo? Explique.
- 4 Diferentemente de um conto, que é uma narrativa breve, os romances têm espaço para o aprofundamento da trama e o detalhamento de passagens. Releia o seguinte parágrafo.

“Na escola todos conversaram um dia sobre seus pais, e Karl dissera que seu pai era quitandeiro, o que Bruno sabia ser verdade, porque o homem cuidava da quitanda no centro da cidade. E Daniel dissera que seu pai era professor, o que Bruno sabia ser verdade, porque o homem ensinava aos meninos maiores, dos quais era sempre melhor manter distância. E Martin dissera que seu pai era *chef* de cozinha, o que Bruno sabia ser verdade, porque, nas vezes em que o homem vinha buscar Martin na escola, sempre vestia bata branca e avental xadrez, como se tivesse acabado de deixar a cozinha.”

Biblioteca cultural

Em 2008, a comovedora história narrada no romance *O menino do pijama listrado* foi transformada em filme pelo diretor Mark Herman. Veja o trailer em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-135215/>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

- a) Essa passagem se refere a um tempo simultâneo ao das ações narradas no capítulo? Explique sua resposta.
- b) Qual é o tema do parágrafo?
- c) Como os exemplos citados ajudam o leitor a entender que há algo enigmático envolvendo o pai de Bruno?
- d) Que outras informações confirmam a existência desse mistério?
- 5** Analise a maneira como a mãe de Bruno fala com ele.
 “É o trabalho do seu pai”, explicou a mãe. “Sabe como isso é importante, não sabe?”
- a) Ao perguntar “não sabe?”, a mãe espera qual comportamento de Bruno?
- b) Copie outra pergunta da mãe com a mesma finalidade.
- c) Se o autor optasse por construções mais informais, como poderia substituir “não sabe?”?
- 6** Os capítulos iniciais sugerem o tipo de relação existente entre os personagens.
- a) O que se revela sobre a relação entre a mãe e o pai de Bruno no segundo parágrafo? Explique sua resposta.
- b) Em que outra passagem essa informação é reforçada?
- 7** Retome, agora, a caracterização do protagonista.
- a) Cite e justifique duas características que você atribuiria a ele.
- b) A frase “Tire as mãos das minhas coisas.”, no segundo parágrafo, foi dita por Bruno? Explique sua resposta.
- 8** Embora seja um romance, essa obra assemelha-se em alguns aspectos a uma fábula, gênero textual cujo maior destaque é o ensinamento moral transmitido pela narrativa. Leia o boxe “Sabia?” e o trecho final do livro, apresentado a seguir, e reflita: com que intenção teria sido produzido esse romance?

.....

E assim termina a história de Bruno e sua família. Claro que tudo isso aconteceu há muito tempo e nada parecido poderia acontecer de novo. Não na nossa época.

.....

JOHN BOYNE. *O menino do pijama listrado*. Trad. Augusto Pacheco Calil. São Paulo: Seguinte, 2007. p. 186.

.....

Da observação para a teoria

A estrutura do gênero **romance** é mais complexa que a do gênero **conto**. O romance apresenta uma série de personagens em torno dos quais se desenvolve a história central e também histórias paralelas, que resultam em outros conflitos. A maior parte dos romances narra fatos e explora o aspecto interior dos personagens, oferecendo uma visão aprofundada sobre sua personalidade.

Esse gênero textual apresenta diferentes tipos de história: romance romântico, policial, histórico, de aventuras, de ficção científica, entre outros.

Sabia?

No texto de divulgação presente no site da editora que publicou a tradução de *O menino do pijama listrado* no Brasil, afirma-se que essa obra é uma “fábula de guerra poderosa e encantadora”. A palavra *fábula*, aliás, aparece também no título original do livro. Ao longo da obra, não é possível encontrar indicação da data em que ocorrem os fatos, mas algumas circunstâncias, como o fato de Bruno morar em Berlim, de seu pai ser militar e próximo a um superior hierárquico chamado Fúria (referência ao termo alemão *Führer*, que significa líder e foi muito usado para fazer referência a Adolf Hitler), além de outros acontecimentos no transcorrer da narrativa, sugerem que a história aborda o extermínio dos judeus ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Se esse romance fosse meu...

Um romance desenvolve histórias paralelas, com diversos personagens. Escolha um dos personagens citados no capítulo e imagine uma sequência de acontecimentos envolvendo-o.